



remaa

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

PRODUÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: práticas discursivas e os desafios para o campo.

Organizadores

Profa. Dra. Rosana Louro Ferreira Silva – IB/USP

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto – FE/USP

Prof. Dr. André Campos Mesquita - UEM

Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho – UNESP/Rio Claro

Neste momento histórico, no qual o país volta a pensar em possibilidades da construção de um projeto de sociedade, no qual a consolidação da democracia e a justiça socioambiental voltam a estar na ordem do dia e ocupam o lugar de horizontes que apontavam para a barbárie, é com alegria e esperança que apresentamos este dossiê na Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, dirigido à divulgação de pesquisas que têm se voltado para a problematização da produção acadêmica do campo da educação ambiental.

Este ano de 2022 ficará marcado como a retomada dos encontros, aulas e vivências presenciais, graças ao empenho de diferentes setores da sociedade civil e do meio científico na busca de recursos tecnológicos e de medidas de profilaxia, que permitiu o enfrentamento da pandemia de COVID19, ainda entre nós, mas de forma controlada. Além disso, o país

retoma, por meio de eleições democráticas, o compromisso de respeito à Constituição Cidadã e reforça os compromissos de continuidade no processo de construção de uma sociedade democrática. Voltamos, com muito mais entusiasmo agora, a vislumbrar a utopia que tem sido posta pela comunidade de educadores e de pesquisadores do campo da Educação Ambiental, qual seja, a possibilidade de, coletivamente, inventarmos outros mundos.

Os educadores e pesquisadores do campo da Educação Ambiental vêm participando desse processo por meio de práticas discursivas que nos colocam frente aos desafios representativos dos atuais modelos da relação sociedade e outros elementos da natureza. Os movimentos do campo apontam para a nossa compreensão de que o processo educativo se apresenta como um, dentre outros possíveis caminhos de resistência às necropolíticas e políticas suicidas, chamando a atenção para o significado e a necessidade de práticas políticas, mais amplas e cotidianas, que garantam a manutenção dos processos básicos da dinâmica natural e da qualidade da VIDA, de todo o tipo de vida, no Planeta Terra.

No campo científico, como tem sido apontado por vários autores, é surpreendente o empenho da comunidade de pesquisadores em fazer circular a produção do campo. São inúmeros os resultados de pesquisas, que circulam nos eventos científicos das mais diversas áreas do conhecimento, os artigos em periódicos científicos, os livros e o número expressivo de teses e dissertações concluídas em diversos programas de pós-graduação. Sem dúvida, um material que merece e requer metaestudos ou meta-análises que nos permitam vislumbrar caminhos já trilhados, dimensões silenciadas em nossos trabalhos e algumas perspectivas do ponto de vista das tendências, demandas e agendas para o campo.

Carvalho (2002, p. 114) procurou fazer algumas reflexões a respeito do que chama “acontecimento ambiental”, definido como “a emergência de um campo contraditório e diversificado de discursos e valores que constituem um amplo ideário ambiental”. Para a autora, a construção de uma prática educativa nomeada como EA ganha sentido “como parte da estruturação do campo ambiental e dos contextos políticos e culturais que este articula”, sem ignorar que a EA está marcada por limites e possibilidades e por disputas internas e externas ao campo, gerando diferentes compreensões acerca do mesmo. A pluralidade do campo é um elemento cristalino para a área, desde sua constituição, mas a forma de buscar entendê-la é mais recente. Myriam Krasilchick, pesquisadora que orientou os primeiros

trabalhos acadêmicos de Educação Ambiental no Brasil, já apontava, em 1986, que as tentativas de definição e de delimitação desse campo eram objeto de intensa controvérsia, não só no nosso país como também no âmbito internacional, destacando que, em diferentes momentos, sob a denominação Educação Ambiental agruparam-se atividades muito variadas, tanto em sua fundamentação teórico-metodológica, como em suas dimensões axiológicas (KRASILCHIK, 1986, 1994).

Muitos foram os esforços para buscar entender essa diversidade, caracterizando identidades, correntes, concepções, tendências, orientações ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Não obstante a importância desses estudos, havia uma clareza que, embora permitindo encontrar elementos de uma abordagem dominante, quase sempre havia uma sobreposição dessas identidades, podendo haver uma coexistência de diferentes tendências da educação ambiental em uma mesma prática educativa (IARED et al., 2011).

Nesse sentido, as investigações do campo estão trazendo novos elementos para aprofundar as análises, considerando termos, conceitos, enunciados e discursos. No contexto internacional, Payne (2009) chama a atenção para alterações de naturezas conceitual, ontológica, epistemológica e metodológica que temos experimentado, em relação à Educação Ambiental, desde os anos 1970. Dos objetivos postos na década de 1970, de transmitir conhecimentos factuais “sobre” e frequentemente “no” ambiente, evoluímos para mudanças significativas, que passaram a considerar perspectivas “para” uma educação política e socialmente crítica inspirada em Jurgen Habermas, Paulo Freire e outros teóricos filiados às perspectivas críticas. Nesse movimento de busca de novos horizontes interpretativos, se somam os pesquisadores do campo que procuram, nas perspectivas pós-críticas, pós-estruturalistas, pós-coloniais, ou outras, que surgem associadas ao espectro pós-modernista, a inspiração para os seus projetos e construção de suas práticas discursivas.

São vários os espaços que temos construído, em movimentos que podem ser reconhecidos como sendo de consolidação, conservação e subversão desse campo (BORDIEU, 1983), e que têm se concretizado em ações que outorgam ao campo da pesquisa em Educação Ambiental o reconhecimento por parte da comunidade acadêmica mais ampla. Como exemplo vivo desses movimentos, podemos citar, dentre outros: 1) a inserção de grupos de trabalhos em associações de pós-graduação e pesquisa no Brasil, como o caso dos GTs de

Educação Ambiental (GT 22) e Meio Ambiente e Educação (GT 06), vinculados, respectivamente, à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (Anped) e Associação Nacional de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (Anpas); 2) - os vários encontros para discussão de experiências, programas e projetos de Educação Ambiental e de experiências de produção de conhecimento na área – o Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, os Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental, vários encontros regionais e estaduais; 3) – diferentes periódicos para a divulgação de práticas de EA e de pesquisas do campo; 4) a inserção de grupos de pesquisa em diversas IES e programas de pós-graduação.

Dentre outros vários projetos de pesquisa que têm se voltado para a produção acadêmica e para a pesquisa em Educação Ambiental, nesse caso, particularmente, após o lançamento da plataforma EARTE, foi proposto ao CNPq e aprovado (Chamada Universal) em 2018, o projeto Configurações da dimensão política no discurso materializado em dissertações e teses de Educação Ambiental, e que foi desenvolvido no período de 2019 a 2021, com o objetivo geral de analisar e compreender as diferentes configurações da dimensão política por meio da recorrência de alguns termos enunciados nos discursos que configuram a pesquisa em educação ambiental.

O corpus para análise foi constituído com base nos textos reunidos no Banco de Teses e Dissertações do Projeto EARTE; o procedimento envolveu a seleção de palavras e expressões recorrentes nesses textos, objetos da investigação, como: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, cidadania, participação, engajamento, emancipação, autonomia, crítica, entre outros que aparecem em alguns artigos deste dossiê. As análises foram realizadas por diferentes grupos de pesquisa do Brasil.

Entendemos que essas palavras constituem uma espécie de terminologia específica, que é comum e compartilhada nos discursos que configuram a educação ambiental em produções acadêmicas, uma vez que essas não são neutras nem imparciais, mas baseadas em escolhas precisas e métodos determinados. Ao afirmar a propriedade dialógica da linguagem, Bakhtin (1988, p. 88) considera que não há como evitar a natureza dialógica mútua do discurso; ou seja: da presença de um discurso anterior, de algo que já estava dito. A palavra é, sempre, matizada por um outro dito anterior. Um enunciador, ao elaborar o seu discurso, é afetado, inevitavelmente, pelo discurso do outro.

Assim, ao empregar em seus enunciados uma terminologia específica, inserindo-a no contexto de seu trabalho, o pesquisador mobiliza relações de sentido em seus dizeres que materializam ideologias de discursos preexistentes. As posições sustentadas pelos pesquisadores refletem, de modo consciente ou não, as suas posições ideológicas. As nossas análises sobre os sentidos dos termos empregados no conjunto de enunciados das produções acadêmicas tomaram o sentido como algo politicamente constituído e determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico.

Com a finalização do projeto, entendemos que era necessário consolidar e divulgar os estudos sobre a produção acadêmica que estávamos desenvolvendo, mas abrir, também, para que outros pesquisadores e grupos de pesquisa contribuíssem nessa importante discussão.

Dessa forma, o dossiê foi proposto e acolhido pela equipe editorial da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA, nos permitindo receber artigos que nos possibilitem sistematizar publicações que fazem análise da produção acadêmica em Educação Ambiental, explorando a análise de discurso ou outro recurso analítico viável, e considerando como objetos de análises as teses, dissertações, artigos, trabalhos de congressos ou outros elementos da produção acadêmica.

Assim, tornou-se exequível, a partir da leitura dos artigos aprovados e que constam deste dossiê, encontrar publicações que colocam sob análise o modo como o discurso acadêmico ancora-se em termos e expressões frequentes na área, bem como nos textos das políticas públicas para a EA. Outro traço importante na escolha dos artigos foi o princípio de que a neutralidade das produções científicas pôde ser colocada em questão, pois elas são baseadas em escolhas teóricas e métodos.

Mais do que identificar processos de produção de sentidos, que apontem para tendências dominantes, certezas ou metanarrativas que identificam o campo, o que pretendemos com o presente dossiê é fazer circular a produção acadêmica do campo, favorecendo a compreensão e problematização de incertezas que acompanham o campo da Educação Ambiental, possibilitando uma maior reflexão sobre a crescente complexidade da produção acadêmica desse campo de pesquisa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: UNESP/ Hucitec, 1988.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. (Org). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo. Ática,1983. p. 122-155.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O ambiental como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michele. (Orgs.). **Textos escolhidos em educação ambiental**. Montréal: Les publications ERE-UQAM, 2002. p. 85-90 (Vol. 2).

IARED, Valéria Ghislotti; VALENTI, Mayla Willik; MARPICA, Natália Salan; LOGAREZZI, Amadeu José Montagnini; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Coexistência de diferentes tendências em análises de concepções de educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, p. 14-29, 2011.

KRASILCHIK, Myriam. **Educação ambiental na escola brasileira** – passado, presente e futuro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 38, n. 12, dez. 1986.

KRASILCHIK, Myriam. Educação Ambiental. **Ciência e Ambiente**, São Paulo, n. 8, jan./jun. 1994.

PAYNE, Phillip. G. Framing research: conceptualizing, contextualizing, representation, legitimization. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 4, n. 2, p. 49 – 77, 2009.